

O GROTESCO NO POEMA JANTAR, DE HELENA WERNECK

Igor Paulo Rodrigues Pereira (UNEMAT)¹

José Eduardo Martins de Barros Melo (UNIR/UNEMAT)²

RESUMO: O presente artigo tem como função analisar um poema da escritora contemporânea mato-grossense Helena Werneck que aos dezesseis anos de idade, por meio do livro poético *Nu*, é contemplada pelo 2º Prêmio Mato Grosso de Literatura 2016, na categoria revelação. Faremos uma análise do poema *Jantar*, primeiro poema disposto em sua obra e, durante nossa abordagem, discutiremos como o grotesco se manifesta em sua obra e como ela tem relação com o banquete de François Rabelais. Discutiremos algumas das relações possíveis a partir desta obra com a poesia de Baudelaire e o fato de podermos considerar Werneck uma poeta contemporânea. Para isto, teremos como aporte teórico principal o livro *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais (1987)*, de Mikhail Bakhtin e nos deteremos em algumas outras obras como *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*, de Giorgio Agamben, *O arco e a lira*, de Octavio Paz e *Sobre alguns temas em Baudelaire*, de Walter Benjamin entre outros teóricos.

PALAVRAS-CHAVE: Helena Werneck; Grotesco; Contemporâneo; Banquete.

ABSTRACT: This article aims to analyze a poem by the contemporary writer from Mato Grosso Helena Werneck that at sixteen years old through the poetic book *Nu*, is contemplated by the 2nd Mato Grosso Literature Award 2016, in revelation category. We will make an analysis of the poem *Jantar*, first poem arranged in his work and during our approach discuss how the grotesque manifests itself in his work and how it is related to the banquet of François Rabelais. We will discuss some of the possible relationships from this work with the poetry of Baudelaire and the fact that we can consider Werneck a contemporary poet. For this, we will have as main theoretical contribution the book *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais (1987)* of Mikhail Bakhtin and we will dwell on some other works such as *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*, of Giorgio Agamben, *O arco e a lira* of Octavio Paz and *Sobre alguns temas em Baudelaire*, of Walter Benjamin among other theorists.

KEYWORDS: Helena Werneck; Grotesque; Contemporary; Banquet.

Ao abordar a existência de uma literatura pós-moderna, Leyla Perrone-Moisés (2016, p. 45) no livro *Mutações da Literatura no Século XXI*, conclui que “Na falta de melhor designação, chamaremos a literatura das primeiras décadas do século XXI de literatura contemporânea.” E explica que o motivo desta escolha se dá ao fato de que a produção artística

¹ Mestrando em Estudos Literários/PPGEL, pela UNEMAT de Tangará da Serra, desde o ano de 2022. Licenciado em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, Campus Pontes e Lacerda - MT no ano de 2021. E-mail: igor.paulo@unemat.br

² Doutor em teoria literária e Mestre em Letras pela Universidade Estadual Paulista/UNESP. Poeta, ensaísta e criador do Movimento dos escritores independentes em Pernambuco em parceria com Francisco Espinhara. Líder do grupo de pesquisa em Poesia contemporânea de autoria feminina GPFENNCO e professor do programa de pós-graduação em estudos literários da UNEMAT e professor associado à Universidade Federal de Rondônia. E-mail: edubarmel@hotmail.com

do século XXI está tão próxima aos críticos que a nomeação desse período pode ocorrer em um erro, principalmente por conta do movimento ainda estar acontecendo. Portanto, para que se tenha uma compreensão mais completa dele, devemos tomar cuidado ao classificarmos as obras produzidas no século XXI e esperarmos que o tempo passe para que possamos olhá-lo de forma mais imparcial: “Devemos convir que chamar a literatura da virada do século de ‘contemporânea’ é tão inconveniente quando chamá-la de pós-moderna, porque o tempo se encarregará de mudar o sentido desse adjetivo.(...)” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 45).

Trago esta discussão para que antes de iniciarmos a análise do nosso objeto, possamos compreender que o consideraremos enquanto produção contemporânea leva este nome, não apenas por ser algo próximo temporalmente, mas também por se tratar de um momento da produção artística que ainda está se consolidando e necessita de tempo para que a crítica possa analisá-la como um todo e de forma imparcial; Logo, o poema escolhido para análise é contemporâneo, pois se trata de uma obra produzida no início do século XXI pela poeta Helena Werneck.

Werneck é uma poetisa contemporânea mato-grossense que aos dezesseis anos de idade, por meio do livro *Nu*, é contemplada pelo 2º Prêmio Mato Grosso de Literatura 2016, na categoria revelação. Conforme Lucinda Persona aborda na apresentação da obra publicada pela Editora Entrelinhas (2017), “As composições de Helena Werneck quase invariavelmente são fundadas no amor nessa estreia literária, tanto que nela encontramos, confessadamente, um poema intitulado ‘É que eu gosto de escrever sobre amor’(...)” (PERSONA, 2017, p. 11). Mesmo que a poeta tenha o amor como o foco nas suas produções, nossa análise será do poema intitulado *Jantar*, cujo eu-lírico oferece ao leitor, no jantar, suas imperfeições, seu lado obscuro e feio, como podemos observar:

Jantar

Sirva-se do caos
Dos sonhos imundos
Sirva-se de mim:
Impura
Pecadora
Livre
Como um pássaro negro
Aquele que adormece em seu telhado
E vigia seus passos
Sirva-se da poluição sonora
E do desespero daquele que pede esmola na rua
Sirva-se de tudo que é ruim
Para depois
O que é bom

Ser um alívio.

Os versos deste poema foram construídos majoritariamente de substantivos que estão intimamente relacionados com o verbo “servir”, verbo este que é recorrente no decorrer do poema. A partir desta construção o eu-poético possibilita que seu leitor sirva-se de tudo que há de caótico, de feio para que aquele que se alimenta perceba que o caótico, o imundo no mundo representa o próprio eu-lírico.

O feio enquanto temática no poético não é algo novo. Werneck não inova neste poema por trazer a estética do feio em seus versos, isto já era observado no poeta romântico Victor Hugo, mas este poeta, e da mesma forma a poetisa, não se utiliza deste recurso para tornar seus poemas “feios” e sim para que não apenas o belo seja tema da poesia:

Victor Hugo, porém, acentua de maneira nova o papel do feio: já não se trata apenas do oposto do belo, mas de um valor em si: já não se trata apenas do oposto do belo, mas de um valor em si. Aparece na obra de arte como o grotesco, como imagem do incompleto e do desarmônico. (FRIEDRICH, 1991, p. 33)

O feio é a ideia do grotesco, pois se manifesta na poesia como, nas palavras de Friedrich, o incompleto e desarmônico. O grotesco aparece na poesia como a imagem daquilo que não é digno de elogio, como é o que acontece neste poema da autora mato-grossense: o eu-poético evoca a ideia de tudo que há de desarmônico, de obscuro, do caos em si, para que o leitor se sirva e, por meio disto, cria a imagem de si mesmo enquanto um ser incompleto, cheio de falhas e problemas, como no quinto e sexto verso “Impura” e “Pecadora”.

Temos a imagem de um eu-lírico que não vê problemas em externar ao mundo seu lado feio, pois é livre para isto, como podemos analisar no sexto verso. Paz (1982, p. 132) afirma, “O poeta não descreve a cadeira: coloca-a diante de nós.”. Werneck não descreve o caos no poema, coloca-o diante de nós leitores a partir da imagem que cria: o eu poético servindo ao leitor, que está sentado em uma mesa de jantar, uma refeição que representa o caos, o imundo enquanto observa aquele que está sentado alimentar-se de tudo que tem para oferecer, inclusive a si mesmo. O eu-poético representa e expõe o lado ruim do ser humano.

Da mesma forma que os poemas de Baudelaire apresentam um eu-lírico que fala de si, que é fruto da modernidade, o eu-poético da poetisa mato-grossense, aborda uma faceta do humano de todo ser humano e de todas as épocas, mas que, sobretudo, representa o homem da contemporaneidade. Todo ser humano possui este lado obscuro, mas isto é representado nas obras literárias de acordo com o momento histórico ao qual o autor está inserido, por este fato,

como Eliot (1989, p. 39) discorre: “(...) o que ocorre quando uma nova obra de arte aparece é, às vezes, o que ocorre simultaneamente com relação a todas as obras de arte que a precedem.” Werneck está inserida numa tradição que não a separa dos poetas que a antecederam, mas que tecem uma relação profunda com a produção da poeta contemporânea.

Desta forma, o grotesco é perceptível na poesia de Werneck não apenas pelo aspecto do feio, mas pelo que constitui sua poesia: o que é considerado feio e como ele é construído em seus versos e que possui relações com os poetas que a antecederam. Bakhtin (1987, p. 18) ao discorrer sobre o grotesco na poesia de Rabelais afirma que a poesia realista grotesca deste assume um caráter degradativo, que “A degradação cava o túmulo corporal para dar lugar a um *novo* nascimento. E por isso não tem somente um valor destrutivo negativo, mas também um positivo, regenerador: é ambivalente, ao mesmo tempo negação e afirmação.” Ao mesmo tempo em que o eu-lírico apresenta ser a degradação, a negação de tudo que se pode considerar bom, o é para que possa, no fim, ser a afirmação: o lado positivo. Aqui temos a ambivalência, o feio só é feio, porque pressupomos o belo, o positivo, o bom, e conforme podemos observar no decorrer do poema em análise, o eu-lírico serve seu leitor de tudo que há de ruim, para que depois, o bom seja sua salvação, como podemos observar nos dois últimos versos.

Para além disso, o poema *Jantar*, além de apresentar características do grotesco, utiliza-se do jantar, uma ação corriqueira, assim como o fato do comer, do alimentar-se, ação comum para todos os homens. Porém, quando esta situação comum se manifesta na poesia, deixa de ser o comum: não se trata mais de qualquer jantar, não se trata mais de uma alimentação comum; Dito isto, o comer transforma-se em um ato que se relaciona para além da ação empírica em si, não é apenas o ato físico, mas também o subjetivo e está intimamente ligada ao banquete em Rabelais. Bakhtin (1987, p. 243) apresenta:

No livro de Rabelais, as imagens de banquete, isto é, do comer, do beber, da ingestão, estão diretamente ligadas às formas da festa popular (...) Não se trata de forma alguma do beber e comer cotidianos, que fazem parte da existência de todos os dias de indivíduos isolados. Trata-se do *banquete* que se desenrola na *festa popular*, no limite da *boa mesa*.
(BAKHTIN, 1987, p. 243)

Portanto, o jantar não representa apenas o comer, mas o beber, o sentir-se satisfeito depois da janta ou o estar faminto antes dela. A imagem criada pressupõe condições, tanto “corporais” quanto “psicológicas” do eu-lírico e da organização do espaço imaginário no momento exato da refeição, condição que depende da leitura e imaginação de cada leitor. Por isto, da mesma forma que em Rabelais, a única ação que deveria ser corriqueira, o ato de jantar,

no poema, toma outra forma e deixa de ser o cotidiano. Ele, o jantar, integra-se ao grotesco, mas como ninguém se alimenta do imundo, do obscuro e do feio, a imagem criada é a de uma “boa mesa” disposta de coisas ruins, que não necessariamente são nojentas ou feias visualmente. Por isto, na imagem do alimentar-se (do jantar) no poema, o eu-lírico devora alimentos que representam coisas, realidades do mundo, alimenta-se do próprio grotesco e ao devorá-lo, além de tornarem-se um. O alimentar-se, portanto, representa a supremacia do eu-lírico em relação às coisas do mundo:

O comer e o beber são uma das manifestações mais importantes da vida do corpo grotesco. As características especiais desse corpo são que ele é aberto, inacabado, em direção com o mundo. É no comer que essas particularidades se manifestam da maneira mais tangível e concreta: o corpo escapa às suas fronteiras, ele engole, devora, despedaça o mundo, fá-lo entrar dentro de si, enriquece-se e cresce às suas custas. (BAKHTIN, 1987, p. 245)

Bakhtin ao analisar o grotesco no banquete, descreve que o comer representa o encontro do homem com o mundo, pois o alimento provém do mundo a partir do trabalho do ser humano. O alimento é fruto de seu trabalho, aquilo que ele extrai da terra e usa para nutrir-se. “O encontro do homem com o mundo no trabalho, sua luta com ele terminava com a absorção de alimento, isto é, de uma parte do mundo a ele arrancada.” (BAKHTIN, 1987, p. 246). O eu-lírico do poema em questão, oferece o grotesco do mundo para que o leitor se alimente. O comer não é apenas o nutrir-se de tudo que há de ruim, mas de tudo que foi construído e é resultado da ação do homem no mundo, o que inclui, o próprio eu-lírico: “Sirva-se de mim: / Impura / Pecadora / Livre”.

Assim, ao se inserir no poema, o eu-poético nos possibilita apreendermos que ele é resultado das ações do homem no mundo, resultado da sociedade contemporânea, da mesma forma que o homem em Baudelaire, o homem em *Jantar* é vítima da modernidade, vítima das mazelas sociais. Inserindo-se ao grotesco, o eu-lírico da poetisa, sabe que não pode se desvencilhar de seu lado ruim e, portanto, aceita-o, assim como em Baudelaire:

Quase todas as poesias de *Les Fleurs du Mal* falam a partir do eu. Baudelaire é um homem completamente curvado sobre si mesmo. Todavia este homem voltado para si mesmo, quando compõe poesias, mal olha para seu eu empírico. Ele fala em seus versos de si mesmo, na medida em que se sabe vítima da modernidade. Esta pesa sobre ele como excomunhão. (FRIEDRICH, 1991, p. 37)

E aceitando a sua condição de vítima dessa sociedade doente, aceita as mazelas do homem e as oferece ao leitor. Aceitando o grotesco do mundo, o eu-lírico cria a imagem de um homem melancólico, que se alimentou e oferece o obscuro do mundo para que também seja aceito pelo leitor. Neste sentido, o leitor também se depara com sua condição e que muito provavelmente também se alimenta das coisas ruins do mundo, bem como faz parte delas.

Porém, ao contrário do que acontece na poesia de Rabelais, conforme Bakhtin (1987, p. 247) disserta ao analisar o banquete:

Uma refeição não pode ser triste. Tristeza e comida são incompatíveis (enquanto que a morte e a comida são perfeitamente compatíveis). O banquete celebra sempre a vitória, é uma propriedade característica da sua natureza. Nesse aspecto, é o equivalente da concepção e do nascimento. O corpo vitorioso absorve o corpo vencido e se renova. (BAKHTIN, 1987, p. 247)

A janta em Werneck não apresenta ser um momento feliz. Tristeza e comida são compatíveis, são contradições que se completam no poema e criam a imagem do homem curvado sobre a mesa alimentando-se das impurezas do mundo, do grotesco, num momento infeliz de encontro do homem com o mundo e sua condição. Seu poema é, portanto, lugar de encontro, como Paz (1982, p. 17), nos apresenta: “O poema não é uma forma literária, mas o lugar de encontro entre poesia e o homem.”

O eu-poético continua, do verso seis ao nono, afirmando ser “livre / como um pássaro negro / Aquele que adormece em seu telhado / E vigia seus passos”, representando ser um ser poético que, como um pássaro, encontra-se nas trevas, vigiando o leitor, ou seja, o ser humano, que vigia suas ações, seus erros, seus pecados, seu lado obscuro. O eu-poético é aquele que está junto a todo ser humano e o observa, inclusive em suas refeições. É o pássaro de hábitos noturnos, que o observa durante a refeição noturna, em todo seu cansaço mental e físico. Cansaço este que diz respeito a exaustão do mundo e da própria rotina, representando, assim, o mundano, da miséria como se observa no décimo e décimo primeiro verso: “Sirva-se da poluição sonora / E do desespero daquele que pede esmola na rua”.

A poesia de Werneck revela a impossibilidade do homem em desvencilhar-se do mundo, a impossibilidade de não nos alimentarmos daquilo que o próprio homem produz no mundo, fazendo com que todo ser humano seja vítima da sociedade. Porém, não cabe à poesia dar conta disto, pois “A poesia não pode recuperar esteticamente as condições da própria existência social. Não pode, pelos meios de que dispõe, superar a fratura entre indivíduo e sociedade e recomeçar de novo” (BERARDINELLI, 2007, p. 35). Mas ela pode evidenciar os problemas sociais, os problemas do ser humano.

Nos versos seguintes, após o ser poético oferecer a refeição ao leitor, exclama nos quatro últimos versos: “Sirva-se de tudo que é ruim / Para depois / O que é bom / Ser um alívio” O que traz uma sensação de alívio ao leitor que se alimenta do poema. O contraste construído nestes últimos versos, a suavidade presente a partir do décimo terceiro verso, faz com que haja uma quebra no ritmo do poema e esta quebra é importante, pois é o que cessa o jantar, mas não apenas o cessa, como o explica. O eu-poético serve seu leitor até o décimo segundo verso e nos seguintes deixa de servi-lo, pois seu papel está cumprido.

Esta estética do grotesco é herdada pela poesia contemporânea a partir das transformações sociais no século XIX, como discorre Pereira (2012, p. 5):

Baudelaire (1999) dialoga com as considerações de Hegel (1986) ao compreender nas produções de seu tempo o resultado das transformações sociais ao longo do século XVII e XVIII e admite que na adoção da imperfeição humana no século XIX encontra-se o caminho para a incorporação de novos arranjos temáticos, organizados estilisticamente, por exemplo, na incorporação do popular, na presença gradativa do grotesco e do erótico (...) (PEREIRA, 2012, p. 15)

Na poesia de Baudelaire o homem é visto como imperfeito, e como resultado da própria sociedade, é o homem que se encontra em meio às massas é, portanto, o homem comum. E na poesia de Werneck podemos observar situações corriqueiras que dizem respeito a homens comuns. A imperfeição se manifesta em seus versos pelo grotesco e pela imagem da imperfeição da própria humanidade, pela imagem dos problemas sociais, como podemos observar no décimo e décimo primeiro verso, respectivamente: “Sirva-se da poluição sonora / e do desespero daquele que pede esmola na rua.”

Uma outra característica da poesia de Baudelaire é que “Baudelaire não descreve a população, nem a cidade. Ao abrir mão de tais descrições colocou-se em condições de evocar uma na imagem da outra. Sua multidão é sempre a da cidade grande(...)” (BENJAMIM, 1989, p. 116). O ser humano em Baudelaire representa toda uma multidão e esta, por consequência, representa a própria cidade. Há a sobreposição de uma imagem sobre a outra, numa questão de dependência. As imagens de seus poemas produzem o homem na multidão, que consequentemente está em uma cidade. O mesmo pode ser observado na poesia de Werneck, pois mesmo que também não descreva em seus versos a disposição da mesa, o leitor pressupõe a existência de uma casa, de uma mesa disposta e que esta casa é a de uma pessoa qualquer de inúmeras outras casas. Isso é mais nítido por conta do décimo e décimo primeiro verso, que criam a imagem de uma cidade barulhenta e de uma grande desigualdade social.

O que reflete o fazer poético de Werneck, pois o poema *Jantar* é um exemplo desta incorporação do popular, do comum na poesia contemporânea, influenciado por essas transformações sociais que refletiram na própria arte. A própria imagem presente nas produções contemporâneas são imagens que representam situações cotidianas, o homem é o homem comum, em situações comuns. Mas estas características estilísticas da poesia contemporânea não fazem com que as imagens, com que a própria poesia seja banal: como no próprio jantar da poesia da autora mato-grossense, a imagem é de uma situação comum, mas que eleva o homem, que o põe diante a si, ao mundo e a própria poesia. O comum na poesia moderna e contemporânea não significa uma literatura “menor”, mas uma literatura que se utiliza do comum para atingir o poético, para elevação do próprio ser. Por isto, “O objetivo do poeta não é descobrir novas emoções, mas utilizar as corriqueiras e, trabalhando-as no elevado nível poético, exprimir sentimentos que não se encontram em absoluto nas emoções como tais.” (ELIOT, 1989, p. 47).

Helena Werneck é uma escritora contemporânea, não apenas por se situar em determinado período histórico, mas também por conseguir, expor o mundo e o homem, conseguir ver os problemas sociais de sua época e transparecer isto em sua poesia. Mesmo que esteja situada historicamente num período atualmente chamado de contemporâneo, por falta de um outro nome melhor para designá-lo, conforme afirma Perrone-Moisés (2016). Com isto, “Pode dizer-se contemporâneo apenas quem não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue entrever nessas a parte da sombra, a sua íntima obscuridade.” (AGAMBEN, 2009, p. 63-64). O que é o caso da autora do poema que analisamos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poesia da jovem autora mato-grossense Helena Werneck, como pudemos observar no decorrer de nossa análise, não se limita apenas ao amor, como Lucinda Persona nos apresenta no prefácio da coletânea poética do livro *Nu*. Por isto, buscamos discutir a profundidade com a qual a autora consegue manifestar a sua poesia. Demonstrar que as imagens dispostas em seus versos são mais complexas do que aparentam ser e demonstrar como o grotesco se manifesta em sua poesia e como consegue refletir a condição do ser humano.

Porém, para além disto, o poema *Jantar* nos propôs pensarmos a condição do ser humano e em como o homem é resultado não apenas das suas próprias ações, como das ações de todo ser humano. Ele é o resultado de um processo histórico e de uma sociedade; O homem se alimenta daquilo que está disposto a ele. A metáfora do jantar nos impele a refletir aquilo

que nos cerca, aquilo que nos constitui enquanto seres sociais e o que fazemos a partir disto. Tudo o que está a nossa volta nos constitui e o eu-lírico nos põe a mesa para vermos a realidade, para observarmos o mundo e vermos toda sua imundície e desigualdade.

O eu-lírico nos convida, não apenas nos alimentarmos, mas pensarmos o que estamos produzindo a nós mesmos e às próximas gerações, pois aquilo que nos dispomos a comer é fruto do nosso próprio trabalho, da nossa influência no mundo. Por isto, nos serve a poluição sonora e o desespero daquele que pede esmola na rua. E mesmo que finalize os versos nos dizendo que ainda existem coisas boas pelas quais vale a pena viver, elas só são boas, apenas são um alívio porque tudo aquilo que nos cerca é ruim, é o grotesco. Inserindo-se ao poema, como o impuro e pecador, afirma-se enquanto um ser imperfeito e que esta é a sua condição, a condição de todos os homens, que todos somos comuns e imperfeitos.

Por conta desta profundidade que a poesia de Werneck nos possibilita refletirmos a condição do homem e da humanidade é que podemos considerá-la contemporânea. A poeta mostra as rachaduras da sociedade; “Por isso o presente que a contemporaneidade percebe tem as vértebras quebradas. O nosso tempo, o presente, não é, de fato, apenas o mais distante: não pode em nenhum caso nos alcançar. O seu dorso está fraturado, e nós nos mantemos exatamente no ponto da fratura.” (AGAMBEM, 2009, p. 65). Ela nos faz refletir um presente que não é mais apenas o presente, pois também é o passado e o futuro. As condições do homem presente em sua poesia são universais e dizem respeito a todos os homens de todas as épocas.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Tradução de Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó-SC: Argos, 2009.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC: (BRASILIA): Editora da Universidade de Brasília, 1987.

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: *Charles Baudelaire um lírico no auge no capitalismo*. Tradução: José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989b, p. 103-149.

BERARDINELLI, A. *Da poesia à prosa*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

ELIOT, T.S., 1888-1965. *Ensaio*. Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas cidades, 1991.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PEREIRA, D. C. A lírica moderna: diálogos e permanência. *Revista Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários*, Londrina-PR, v. 23, p. 5–16, 2012.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da Literatura no Século XXI*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PERSONA, Lucinda. Nu, à luz da poesia. In: *Nu*. Prefácio. Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2017.

WERNECK, Helena. *Nu*. Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2017.

Recebido em: 30/01/2023

Aprovado em: 15/04/2023

Publicado em: 04/09/2023



10.29281/r.decifrar.2023.1a_1